

A CONVENIÊNCIA DA MORTE: OS RITUAIS FÚNEBRES E O CONSUMO MORTUÁRIO EM LIMOEIRO DO NORTE – CE

RAFAELA MOREIRA DE LIMA*

Os mistérios que cercam a morte sempre nos instigaram. Mesmo que ela se faça presente em diversos momentos da nossa vida cotidiana, muitas vezes a tratamos com indiferença e com medo. Embora esteja ligada ao nosso dia-a-dia, a morte gera sentimentos de pânico e de angústia principalmente porque, conforme a sabedoria popular afirma, a única certeza que temos na vida é que um dia iremos morrer. Mas antes de vermos a morte como *o fim*, temos que perceber que ela faz parte da construção social humana e de significados que mudam de acordo com o tempo e com o espaço. Dessa forma, devemos compreender a morte, as práticas mortuárias, enfim, toda ação humana que a envolve numa perspectiva do processo histórico.

De acordo com Philippe Ariès (2003) como muitos outros fatos de mentalidade que se situam em um longo período, a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Podemos compreender que, mesmo se referindo ao período medieval no ocidente, o autor faz reflexões que nos instigam no tempo presente e nos faz refletir sobre as permanências de determinados ritos fúnebres que, embora sofram alterações lentas, não acompanham por total as mudanças estruturais da sociedade.

Contanto, percebemos que a historiografia nos ajuda a fazer o percurso pelas permanências e rupturas ocorridas em relação aos rituais fúnebres e o ato de morrer que vão criando aceção em torno da morte. Segundo João José Reis (1991) no século XIX as pessoas passaram a se preocupar em ter uma *boa morte* fazendo com que as atitudes diante da morte e dos mortos sofressem mudanças e tomassem novos formatos e novos significados. Havia uma grande preocupação com relação ao destino e à salvação da alma fazendo com que as pessoas se utilizassem de ritos e cerimônias que proporcionassem ao morto uma boa vida no outro mundo. O destino da alma, o lugar do sepultamento, a maneira como se esperava a morte eram relações entre vivos e mortos no cotidiano dos indivíduos no Brasil oitocentista.

* Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará, integrando a linha de pesquisa, Memória, Oralidade e Cultura Escrita. Bolsista CAPES.

No Brasil dos oitocentos a morte não poderia acontecer de forma solitária e privada, era indispensável a participação dos familiares, amigos e vizinhos, padre e até desconhecidos. Quando o moribundo¹ era avisado da sua morte, através dos signos naturais, dava-se início aos preparativos para a cerimônia fúnebre garantindo ao morto uma boa passagem para o desconhecido. “Depois de detectada a morte de um indivíduo, tinham início as cerimônias fúnebres que compreendiam sequências formais no sentido de marcar, simbolizar ou dramatizar separações, margens ou agregações”. (MORAIS, 2009: 46). Os ritos de *post mortem* eram exclusivamente domésticos e de manifestação religiosa, eles iniciavam com a preparação do corpo; cortar o cabelo, limpar e vestir. Em seguida a vela acesa era posta na mão do defunto como uma forma de guiar o espírito do morto aos céus. Os olhos do cadáver eram fechados com o objetivo de fazer com que o morto os fechasse para o mundo dos vivos e os abrisse quando chegasse ao mundo espiritual. Também existiam as celebrações de missas e o sepultamento dentro da igreja, que exerciam a função de conduzir o morto ao caminho dos céus.

Nesse período a morte acidental era vista como grande desventura, pois era muito importante para o morto que seu corpo fosse preparado para o momento final da vida, eram indispensáveis os rituais que lhes garantisse uma boa morte.

Segundo João José Reis, a morte no século XIX tinha que ser divulgada para que um grande número de pessoas participasse do funeral evitando que os maus espíritos se aproximassem do defunto. Para isso, eram distribuídas comidas e cachaças para que as pessoas permanecessem no velório até o momento do enterro. A prática de velar o defunto, ou “guardar o morto”, era o principal momento da cerimônia fúnebre. Enquanto o corpo era velado, sua alma era encomendada aos céus através de orações cantadas ou recitadas, mais conhecidas por “sentinelas”.

No entanto, as pessoas sempre abominaram a morte, ela sempre foi considerada um acontecimento pavoroso. O que percebemos que mudou foi, contudo, o modo de conviver e

¹ São designados moribundos os pacientes terminais, que na evolução de uma doença são considerados incuráveis ou sem condições de prolongamento de vida. Na atualidade esses indivíduos são retirados dos espaços familiares preservando sua individualidade culminando com a solidão dos moribundos.

lidar com a morte, com o morrer e com os moribundos. Para Isabela Andrade (MORAIS 2009: 53).

O isolamento, o evitamento e a dessocialização dos moribundos faz com que atitudes como acompanhar o agonizante, banhá-lo e higienizá-lo passem a ser cada vez mais repugnadas e esse fato contribuiu para a profissionalização da morte.

Falando do Ceará na década de 1920 percebemos que nesse período eram indispensáveis em funerais orquestras e bandas de música evitando o silêncio durante as sentinelas, esse era um momento de sociabilidade onde as lamúrias e os choros misturavam-se aos jogos, bebidas e paqueras entre os rapazes e moças. Podemos perceber mais claramente no texto de Cândida Galeno (GALENO, 1977: 56), que observando os velórios no interior cearense, na década de 1920, faz o seguinte comentário;

Efetivamente o guardamento do defunto, que entre nós toma o nome de “sentinela”, “guarda” ou “quarto”, é ocasião de mágoa, choro, lamentação para a família do morto, mas para o ajuntamento de pessoas que sempre se forma no chamado “sereno”, é lugar para encontro de namorados, amigos que se distraem contando anedotas, e outras vezes lugar para desavenças entre pessoas que, excedendo-se na bebida que comumente distribuem nessas ocasiões, perdem o controle.

Os velórios analisados por Galeno eram todos acompanhados por incelências², pois as pessoas acreditavam que assim afastariam os demônios de perto do defunto. As práticas mortuárias enquanto um conjunto de ações e comportamentos que cercam a morte variou de acordo com o tempo e com o espaço. Isso fica mais claro com as observações que Cândida Galeno faz ao relatar um velório ocorrido em 1925 na cidade de Jardim, na zona limítrofe do Ceará com Pernambuco, onde as pessoas acompanhavam o funeral ao som de uma orquestra e o morto era enterrado em uma rede. Nesse período as pessoas eram enterradas com mortalhas que variavam de acordo com o santo de devoção do morto ou com as roupas mais novas, paletó e gravata, dependendo da condição social do falecido. Muitos corpos eram velados em

² Versos catados repetidamente em diversas letras e músicas, puxadas por cantadeiras ou carpideiras, também responsáveis pelas rezas e benditos.

esteiras ou até mesmo no chão, as famílias não tinham condições de mandar fabricar um caixão e muitas vezes era preciso contar com a ajuda de arrecadações de dinheiro para organizar o velório.

Podemos dizer que outro fator que possa ter influenciado no distanciamento das pessoas com relação à morte foram “os discursos da literatura médica da segunda metade do século XVIII que divulgavam que os enterros nas igrejas ofereciam riscos de infecções e doenças contagiosas”. (MORAIS, 2009: 66). Fugir das epidemias e das doenças significava adiar o momento final de nossas vidas, para isso criou-se uma noção de assepsia que não nos permite pensar em tocar no corpo do morto.

Segundo João José Reis, “no Brasil oitocentista era muito comum os sepultamentos realizados no interior das igrejas ou em seus arredores como uma forma de garantir ao morto a salvação eterna” (REIS, 1991). Para este autor, os sepultamentos nos lugares santos sugeriam a permanência da necessidade de uma relação de continuidade com o mundo dos mortos.

Para os médicos higienistas do século XIX essa era uma prática que comprometia a saúde dos vivos que tinham que respirar um ar poluído. De acordo com João José Reis (REIS, 1991: 247);

Os médicos viam os enterros nas igrejas por uma ótica radicalmente diferente. Para eles, a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias. Os mortos representavam um sério problema de saúde pública. Os velórios, os cortejos fúnebres e outros usos funerários seriam focos de doenças, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com os ideais civilizatórios da nação que se formava. Uma organização civilizada no espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros,

É nesse contexto de tentativas de evitar as doenças e a morte que a teoria dos miasmas³ se tornou popular no século XVIII e início do século XIX como mais uma estratégia de higienizar os centros urbanos, mas que frequentemente se esbarrava nos hábitos e condutas da população. O poder público brasileiro estava sempre pensando em maneiras de controlar a população e os espaços urbanos a partir de construções de muros e calçadas, do esgotamento de águas servidas, da eliminação do lixo e outros dejetos, além da implantação de matadouros e de cemitérios públicos.

“As descobertas científicas do século XIX influenciaram nas discussões sobre a conveniente localização dos cemitérios, assim como a respeito da influência desses estabelecimentos no aparecimento de doenças”. (ANÍBAL, 2010: 53). Com as normas ditadas pela medicina o poder público passou a proibir as sepulturas nos espaços sagrados e recomendaram a construção de cemitérios afastados da cidade.

A salubridade passa a ser vista como um caminho para que se consiga a saúde. Os odores e o cheiro expelidos pelos cadáveres que antes eram facilmente suportados no interior dos templos ou nas suas imediações, em meios às orações, passaram a ser considerados insalubres e perigosos à saúde pública, devendo ser afastados das cidades. Segundo Ana Cláudia Aníbal (ANÍBAL 2010: 53);

Para afastar epidemias é preciso afastar os cemitérios e sepultar os mortos em locais distantes e em covas de grandes profundidades para que os vapores malignos e contagiosos não se comuniquem à população. Caso contrário os cemitérios continuariam considerados como propagadores de doenças.

Diante de todas essas observações que fizemos, percebemos que ao longo de muitas práticas deixaram de existir ou passaram por um processo longo de transformação assim como muitos rituais que faziam parte do cenário fúnebre dos velórios. Mesmo que lentas, as modificações lúgubres ocorreram, nos instigando e nos fazendo pensar de que maneira isso acontece e o que contribui para todas essas transformações.

³ A teoria dos miasmas baseava-se na noção de que, quando o ar fosse de “má qualidade” (um estado que não era precisamente definido, mas supostamente devido a matéria em decomposição), as pessoas que respirassem este ar ficariam doentes.

Hoje, no município de Limoeiro do Norte, predomina o serviço de funerárias que se insere na nossa cidade como uma instituição que se responsabiliza por todos os cuidados que antes eram funções das famílias do morto, entre elas podemos citar o tratamento do corpo (vestir, limpar, encomendar o caixão), a organização do velório e o próprio sepultamento do defunto. Portanto, é inegável que, de certa forma, as atividades funerárias vem se relacionando com essas mudanças, com essas transformações e com os significados atribuídos à morte.

Trabalhar as práticas fúnebres nos leva a discutir, por exemplo, a associação que as pessoas faziam entre os velórios e as festas, para as moças e rapazes que moravam no interior do município de Limoeiro do Norte – CE este era um momento propícios às paqueras.

Mais precisamente na zona rural deste município eram raros os momentos dedicados às festividades que alegravam os moradores destes locais. Normalmente eles podiam contar apenas com as festas religiosas organizadas pela Igreja Católica, o que aconteciam em um intervalo de tempo muito grande. Portanto, é nesse contexto que minha depoente lamenta-se da vida pouco movimentada que levava e afirma que um dos seus divertimentos era ir para os velórios e passar as noites na vigília. De acordo com dona Maria de Lourdes Maia Pitombeira

Eu me lembro que eu morando no Sapé, quando alguém morria eu gostava muito de ir pro velório só pra paquerar com os rapazes. Nem que fosse muito longe da minha casa, mais eu ia a pé só porque eu via aquilo como um divertimento. E tinha mais, quando minha mãe não deixava eu ir eu chorava. (Entrevista realizada em: 15/ 05/ 2012).

Nesse período era muito comum caracterizar o velório como o espaço do bêbado onde o consumo da cachaça e a prática de contar piadas faziam deste lugar um ambiente festivo, enquanto outros velavam o corpo com orações e lamúrias. O senhor José Lopes, outro depoente que contribuiu para a pesquisa, relata que muitas vezes as pessoas que levavam o caixão até o cemitério já estavam tão alcoolizados que ao retornar do sepultamento vinham cambaleando pelas estradas. Dona Maria Augusta lembra-se desse período e faz o seguinte comentário:

Era bem animado, ali o pessoal fazia café, fazia um chá, não tinha bolacha e inventava o cuscuz, as vezes tinha feijão cozinhado que ficava da tarde aí nós jogava o arroz dentro e fazia aquele bocado de baião de dois para aquele pessoal que passava a noite. Tinha deles que bebia, não era todos não. (Entrevista realizada em: 17/07/2010).

Porém, o que percebemos é que associar a morte à festa é algo que vem desde os séculos passados e que João José Reis (1991) discute muito bem em seu livro intitulado: “A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”. Segundo João José Reis, (REIS, 1991: 137). Thomas Lindley confirma o interesse baiano pela morte quando ele escreve o seguinte;

...entre os principais divertimentos dos cidadãos se contavam os “suntuosos funerais” e as festas de semana santa, celebrados com grandes cerimônias, concerto completo e frequentes procissões, para os baianos morte e festa não se excluíaam...

Atualmente os velórios se configuram de forma diferente tornando os funerais o lugar do silêncio e da tristeza deixando um clima de recolhimento entre os parentes e amigos do morto. O silêncio mantido nos velório demonstra respeito à família que acabara de perder alguém muito querido e que por isso merece sofrer a sua dor de forma solitária e silenciosa.

Outro hábito muito comum ainda nas décadas de 1970 e 1980 em Limoeiro do Norte – CE e nas cidades vizinhas era o uso de mortalhas muito comum entre os cristãos católicos, vestir o morto de acordo com o santo de sua devoção em vida, era uma garantia de proteção e de boa morte. No imaginário católico as mortalhas dos santos ajudavam o morto no dia da sua passagem para o mundo celestial e o ajudavam no dia do julgamento, no dia do juízo final.

Preocupar-se com a vestimenta do morto fazia parte das tarefas atribuídas às famílias e aos parentes mais próximos. Logo depois da confirmação da morte do ente querido encomendava-se a mortalha, que normalmente era confeccionada por um parente do falecido ou alguém da comunidade que já tinha o hábito dessa prática.

As pessoas eram vestidas com mortalhas de santo porque possuíam uma grande devoção por ícones católicos e acreditavam que desta forma estariam protegidas contra os maus espíritos e que fariam uma boa passagem para a outra vida. Os trajes mais comuns utilizados pelos mortos em Limoeiro do Norte – CE eram as vestes de São Francisco para os homens e de Nossa Senhora da Conceição para as mulheres. Segundo João José Reis (REIS, 1991: 2);

Os trajes de santos sugerem um apelo à proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem aventurada.

Também fazia parte da crença e das práticas religiosas neste município vestir com os trajes de santos as crianças. De acordo com Ana Cláudia Aníbal Ribeiro, “ao trajar as criancinhas com as roupas dos santos os pais imaginavam garantir que seu rebento não ficaria desamparado no outro mundo, estando guardados sob os cuidados dos seus santos”. (ANÍBAL 2010: 31).

Ainda falando dos velórios desse período e elementos que faziam parte do cenário fúnebre podemos fazer referência aos caixões em que eram enterrados os mortos. Depois da confirmação da morte do moribundo a família logo providenciava a confecção da urna funerária, que era confeccionada de forma artesanal. Normalmente os moribundos morriam na própria residência já que o acesso ao hospital público era muito difícil.

Enquanto isso o corpo ficava em uma esteira no chão ou sobre uma cama até que estivesse pronto o caixão. Vestir o morto e prepará-lo para o sepultamento era de responsabilidade das pessoas mais próximas do defunto que tinham a preocupação de amortilhar e limpar o féretro. Isso fica mais evidente quando dona Maria de Lourdes faz o seguinte relato;

Eu mesmo ajudei muito a vestir os defuntos, a minha mãe foi eu quem vestiu ela com uma roupinha melhorzinha. O tio de Danilo eu também ajudei, as vezes quando a roupa não cabia a gente rasgava um pouquinho porque ia ficar atrás mesmos, ninguém ia ver. Quando o corpo já tava duro as pessoas levantavam o defunto pra vestir ele. (Entrevista realizada em: 15/05/2012).

De acordo com os depoentes os caixões eram feitos de madeira com formato de grades cobertos por um pano preto. Devido a pouca resistência do material as pessoas colocavam uma escada de madeira ou uma esteira debaixo do caixão para carregá-lo até o cemitério. Como podemos observar na imagem abaixo.

Conforme as pesquisas, ouvimos relatos de pessoas que vivenciaram o período em que na sua cidade exista o caixão comunitário⁴ doado pela prefeitura ou pela paróquia. Na entrevista realizada com dona Maria José, natural do município de Potiretama, a depoente relata que no tempo de menina as pessoas que não podiam pagar por caixão utilizavam-se daquele que estava na igreja do cemitério fazendo parte do cenário deste ambiente. De acordo com Maria José;

Cansei de ver aquele caixãozão preto, me lembro que quando a gente ia arrumar a igreja aquele caixão... e ainda era guardado dentro da igreja. Lá não tinha capela, no cemitério de lá, e era guardado dentro da igreja esse caixão. (Entrevista realizada em: 17/07/2010).

Aprendemos que esse objeto permanecia nos espaços sociais e no cotidiano das pessoas como algo natural sem causar estranheza aqueles que frequentavam a igreja. Porém, na sua fala ficam claras as percepções que dona Maria adquiriu no presente quando ela faz referência ao caixão utilizando o termo “caixãozão preto”, demonstrando o aspecto tenebroso que aquele cenário representava.

Continuando com a conversa, dona Maria José nos relata suas lembranças de criança onde os mortos ainda eram velados e enterrados em redes, segundo a mesma;

Eu lembro que quando no tempo de menina aí quando morria uma pessoa ia costurar de noite aquela mortalha, tinha que fazer de noite pra enterrar o defunto. Muitos cantos não tinham cama pra botar o defunto, botavam era no

⁴ O caixão comunitário funcionava da seguinte forma: acontecendo o falecimento de um ente querido a família do morto se dirigia a Igreja para levar o caixão até a casa do defunto. Terminado o velório e o sepultamento o cadáver era colocado na sepultura e o caixão retornava para poder ser utilizado por todos aqueles que não podiam pagar por caixão.

chão, no chão limpo, numa esteira, eu me lembro, eu menina me lembro. Outros levavam numa rede. (Entrevista realizada em: 17/07/2010).

Nas décadas de 50 e 60 ainda era muito comum, na ausência do caixão, o uso de redes para sepultar o defunto. Durante o velório o corpo do morto ficava em cima de uma esteira ou de uma porta no próprio chão batido para que todos pudessem velar o corpo e fazer as últimas orações ao morto. A rede era amarrada a um pedaço de madeira segurada por duas pessoas que se encarregavam de levar o defunto até o cemitério. Para dona Maria José esta cena era horrível, era uma assombração ver os defuntos se balançando na rede causando espanto e medo.

Outra preocupação que fazia parte do imaginário católico era a realização do sacramento da extrema-unção naqueles indivíduos moribundos que estavam prestes a morrer. De acordo com o trabalho de pesquisa de Ana Cláudia Ribeiro (ANÍBAL, 2010: 19);

A extrema-unção é um sacramento que se fundamenta do Evangelho Mateus, que diz: “A ordem do Senhor... os apóstolos expeliam muitos demônios e ungiam com óleo a muitos enfermos, e os curavam” (Mc: 6,13). Para o catolicismo, o sacramento da Extrema-Unção é ministrado para aqueles cristãos que estão em perigo de morte, o propósito do sacramento é restaurar a saúde da pessoa e absorver o indivíduo de qualquer pecado remanescente.

A primeira providência tomada pela família de uma pessoa que estava na iminência da morte era pedir que o padre da paróquia mais próxima se dirigisse até a sua residência para preparar o moribundo para a morte. Com a utilização do óleo, que representava a alegria e o perfume do Espírito Santo, este era para os cristãos,... “a imagem da misericórdia, do amor e da compaixão divina e eles são os símbolos da benção” (ANÍBAL, 2010: 20). Todo esse ritual faz parte dos sacramentos usados pela Liturgia da Igreja Católica como uma forma de possibilitar a cura corporal e de restaurar a alma do indivíduo de todo pecado.

Percebemos a memória como uma das fontes da produção do conhecimento histórico podendo assim, conhecer a história do cotidiano e conhecer os sentimentos do que

muda e do que permanece. Preocupar-se com a boa morte e com os rituais fúnebres que garantiriam isso ao indivíduo eram sentimentos que faziam parte do imaginário de uma sociedade religiosa que via a morte como uma passagem para outra vida, mesmo desconhecida esta poderia ser um lugar de descanso. Velar o corpo na própria casa do falecido, fazer a vigília e orações para afastar os maus espíritos eram práticas que faziam parte do cenário fúnebre e do luto das pessoas. Isso fica mais claro quando Ana Cláudia Aníbal (ANÍBAL 201: 45) escreve que;

O luto se apresenta, portanto, como trabalho de perda, um mecanismo que busca elaborar o choque daquilo que foi perdido, retirado e possibilitando ao fim desse processo eleger um outro objeto no lugar daquele que foi perdido. O luto insere a morte na cultura, ele ressignifica o morto, o luto seria o ato de simbolização do morto.

Vestir-se de preto também era um costume muito comum entre aqueles que frequentavam os velórios demonstrando seu luto e respeito ao falecido. Deixar explícito publicamente o sofrimento sentido pela perda de um amigo ou parente fazia parte dos significados do luto, esta era uma manifestação social que se caracterizava pelo o uso do preto.

Os cortejos a pé também eram muito marcantes nesse período. Eles eram acompanhados por cânticos e orações até a chegada do caixão no cemitério chamando a atenção daqueles presenciavam este ritual. No Brasil do século XIX era muito comum que nessa tradição fúnebres fossem contratadas mulheres conhecidas como carpideiras para chorar e rezar pelo morto. Segundo João José Reis “... a multidão em volta do caixão do morto tinha como objetivo afastar tanto os maus espíritos do morto como a alma do morto de perto dos vivos”. (REIS, 1991: 114).

O que percebemos é que a sociedade da assepsia e do individualismo vem se constituindo e se consolidando ao mesmo tempo em que as pessoas se afastam da morte e daquilo que ela representa. Portanto, é inegável que as atitudes diante da morte tenham sofrido modificações e que os sentimentos que cercavam este evento ganham novas configurações.

As pessoas constroem ao longo do tempo significados e sentidos para todos os setores da vida social. Com relação a maneira de como vemos a morte e de como nos relacionamos com ela também é uma construção humana e que, por este motivo, deve ser objeto de estudos acadêmicos.

Na nossa sociedade contemporânea, inúmeras vão ser as transformações ocorridas nos rituais de passagem da vida para a morte, práticas que serviam para possibilitar uma boa morte agora deixam de existir ou simplesmente se transformam.

Percebemos que muitas foram as transformações ocorridas em torno dos rituais fúnebres em Limoeiro do Norte – CE quando analisamos os processos sociais das práticas mortuárias e as representações a respeito da morte, principalmente a partir a atuação da empresa funerária Assistência Familiar Anjo da Guarda, a partir do ano de 1989. Analisar o processo histórico das práticas mortuárias nos leva a conhecer muitos hábitos e crenças em torno da morte e como as pessoas se relacionavam com a ideia de morrer.

O uso de mortalhas agora passa a ser substituída por vestimentas padronizadas oferecidas pelas funerárias que não mais oferecem em seus serviços os trajes de santos. Estar protegido pelos santos não fazem mais parte das preocupações que se tinham quando alguém morria.

Com a atuação das casas funerárias já na década de 1990 o cenário fúnebre vai ganhar novos apetrechos oferecidos por essas empresas como é o caso dos castiçais, tapetes e coroas de flores. Agora não vemos mais o caixão preto feito em forma de grades, os materiais utilizados pelas funerárias para a confecção desse produto são mais reforçados e firmes.

Percebemos o distanciamento da morte quando algumas pessoas optam por velar seus mortos em centros de velórios oferecidos nos serviços das funerárias. Na cidade de Limoeiro do Norte-CE vemos essa prática cada vez mais frequente entre as famílias do morto como uma forma de evitar abrir as portas de suas casas para o público. O hábito de fazer a vigília se restringe apenas a alguns familiares tornado o cenário ainda mais triste e silencioso, dona Augusta nos relata de forma queixosa as poucas pessoas que ficaram durante a madrugada no velório do seu vizinho;

Sabe quantas pessoas passou a noite? Eu, minha cunhada, meu irmão que chegou 2 horas da madrugada e quando chegou outro 3 horas. Pronto, foi esse pessoal e a nora da finada e uma filha foram dormir e nós de fora passamos a noite. Mudou de mais, antigamente era mais animado. (Entrevista realizada em 17/07/2010).

Os velórios repletos de cântico e orações agora dão lugar ao silêncio. Muitas vezes as pessoas apenas fazem uma oração ou rezam o terço para abençoar o espírito do morto que agora deixa a vida terrena para viver no mundo espiritual, segundo a crença popular.

Nesse contexto de modificação sofridas nos rituais fúnebres fica claro o papel fundamental das funerárias no que diz respeito as mudanças ocorridas nas práticas mortuárias. As casas funerárias passam a oferecer na sociedade do consumo não mais apenas os materiais que compunham o velório (caixão, velas, castiçais, flores, etc.), agora elas oferecem um serviço especializado que requer o trabalho de vários profissionais que a cada dia são capacitados para melhor desempenhar tais serviços.

Percebemos que ao longo dos anos o mercado funerário vem se especializando e ampliando sua cartela de serviços como uma forma de manter-se na sociedade de consumo em que vivemos. Pensar estratégias de mercado é umas das preocupações das grandes empresas funerárias que cada vez mais vêm inserindo uma lógica comercial em torno das cerimônias fúnebres tornando-as mais luxuosas e personalizadas.

Atingir as cidades do interior é, contudo, criar estratégias de mercado que já estão consolidadas nos grandes centros urbanos. Compreendemos que a cidade de Limoeiro do Norte - CE está passando por transformações políticas, sociais e econômicas nas últimas décadas do século XX. Esta cidade começa a perder seu caráter rural, a imagem da “cidade pequena” vai perdendo espaço para o desenvolvendo das atividades urbanas. Conforme Isabela Andrade, no Brasil, o empresariar da morte e do morrer ocorreu a partir da modernização dos espaços tanáticos⁵ que possibilitaram o surgimento dos “Grupos” no final

⁵ O termo deriva de tanatologia, que segundo a definição do dicionário “Aurélio”, refere-se à teoria sobre a morte, e na medicina legal, é a parte que se ocupa da morte e dos problemas médico-legais com ela relacionados.

da década de 1980, o que significa que todo o processo do morrer ficou centralizado em empresas. Os “Grupos” são, portanto, empresas completas que agregam vários empreendimentos fúnebres com o objetivo de dar conta de todo o processo do morrer: “o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com serviço funeral), e o depois (com os serviços de assistência ao luto)”. (MORAIS, 2009: 96).

Na relação comercial entre a empresa funerária, com a venda de artefatos e serviços mortuários e seus consumidores a uma tentativa dessas agências de sobressair num mercado competitivo. Desta forma, percebemos que há uma preocupação dos empresários em está modernizando seus serviços oferecendo aos clientes cerimônias personalizada que refletem o aspecto da pessoa morta, da sua personalidade e da sua individualidade enquanto estava viva.

Acompanhando as modificações ocorridas em uma sociedade capitalista, as empresas funerárias criam estratégias para combater a concorrência garantindo um número ainda maior de clientes adeptos aos novos serviços fúnebres. Especializar-se, modernizar-se e oferecer serviços diferenciados é uma das formas que as funerárias encontraram para se manterem no mercado. Toda a preocupação em torno da modernização das empresas funerárias insere a morte em uma lógica comercial quando compreendemos que acoplado aos seus aparelhos de atendimento estão a publicidade, vantagens e concorrências em relação á oferta de serviços funerários.

Os meios de comunicação de massa e o mundo do anúncio em que vivemos transformam tais serviços fúnebres necessários e indispensáveis. As pessoas acabam sentindo o desejo de consumir os produtos a partir de um discurso disseminado pela publicidade e criado pela própria funerária de que para viver de forma tranquila com relação a morte temos que pagar planos funerários. Para Isabela Andrade (MORAIS, 2009: 140).

Anúncios em jornais, revistas e internet são estratégias de marketing que tem como principal função a transmissão de informações para determinados públicos, comunicando a sociedade os códigos culturais que estão presentes nos bens de consumo.

Portanto, em nossa pesquisa entendemos por espaço tanático todo o ambiente e atos relativos aos serviços e cuidados relativos à morte.

Não há dúvidas de que o sistema empresarial vinculado a morte se tornou algo lucrativo e rentável através de uma relação comercial mantida entre a empresa e o consumidor. Com isso, o distanciamento entre vivos e mortos se concretiza na medida em que as pessoas deixam de preparar os rituais que seguem o evento da morte.

Restringir as mudanças nas práticas fúnebres apenas ao comércio vinculado a morte seria uma grande falha. Temos que perceber que os processos socioculturais e a maneira como a sociedade se relaciona com seu cotidiano também passa por transformações refletindo em vários aspectos da vida. Nesse sentido, apreendemos que as mudanças ocorridas na cultura fúnebre estão relacionadas com a modernidade, o individualismo e, sobretudo, com o consumo.

Sabemos que o consumo de serviços fúnebres está em constante desenvolvimento e transformação possibilitando o levantamento de outras discussões. Compreendemos que muitas questões ficaram abertas para que pesquisas futuras possam respondê-las possibilitando maiores debates acerca da morte e do comércio vinculado a ela.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Violar memória e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: _____. **História: a arte de inventar o passado: Ensaios de teoria da história.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ANÍBAL, Ana Cláudia. **Jesus, Maria e José, minha alma vossa é! velórios e enterros na comunidade jardim São José – Russas – CE (1970-1990).** 2010. 66f. Monografia (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte – Ce, 2010.

ÀRIES, Philippe. **História da morte no ocidente.** Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

_____. Ritos da Vida Privada. In: NOVAIS, Fernando A. Souza; MELLO, Laura (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

ELIAS, Nibert. **A Solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes,** Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111- 124, maio, 2000.

GALENO, Cândida. **Ritos fúnebres no interior do Ceará.** Fortaleza: Ed. Henriqueta, 1977.

_____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de; NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997.

MARQUES, Paula. **Ansiedade face à morte**: uma abordagem psicológica e educativa. Maio, 2000. Disponível em: <<http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Ansiedade.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

MORAES, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte: Estudos sobre o empresariar da morte e do morrer uma etnografia no grupo Parque das Flores, em Alagoas**. Recife: Is, n., 2009. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n.14, fev. 1997.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.